

PRÁTICA DOCENTE E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DOS CONTEÚDOS DA DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA

Helécia Paiva Silva Pedreira

Pedagoga, Especialista em Políticas Públicas, Gestão e Práticas Educacionais, Técnica em Infraestrutura Escolar e Meio Ambiente e Graduanda em Letras Vernáculas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB heleciapaiva@hotmail.com

Ennia Débora Passos Braga Pires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia enniadebora@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo principal analisar as práticas dos professores da disciplina de Língua Portuguesa averiguando se as metodologias aplicadas durante o ensino dos conteúdos favoreciam a aprendizagem significativa. O estudo fundamentou-se nos pressupostos da Teoria da Aprendizagem Significativa (AS), segundo David Ausubel para analisar na didática em sala de aula a presença das condições necessárias e elementos motivacionais para a ocorrência da aprendizagem significativa. O estudo foi desenvolvido numa perspectiva qualitativa, adotando o estudo de caso como opção metodológica. Participaram, como sujeitos da pesquisa, três professoras da rede municipal de Itapetinga, as quais tiveram suas aulas observadas quanto à clareza na exposição dos conteúdos, se os alunos dispunham de conhecimentos prévios e se manifestavam interesse pela aprendizagem. Realizou-se uma entrevista semiestruturada e percebeu-se através das entrevistas que elas trabalham de forma descontextualizada os assuntos da disciplina, não favorecendo uma aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Prática docente. Ensino da Língua Portuguesa. Aprendizagem Significativa.

Introdução

A prática docente desde muito tempo tem sido questionada em relação à aprendizagem do aluno. Sabe-se que se o aluno tem êxito, o professor cumpriu o seu papel, que é o de ensinar. Caso isso não ocorra, podemos considerar que a prática pedagógica desenvolvida não foi eficaz, pois não alcançou os objetivos previstos: a aprendizagem dos conteúdos trabalhados.

O contato com a teoria da Aprendizagem Significativa, na disciplina Didática, incitou uma reflexão sobre o meu fazer pedagógico, como professora de Língua Portuguesa, como também pelo interesse em analisar, com maior afinco, a prática docente desenvolvida nas escolas. Esses questionamentos nutriram em mim um anseio em adentrar no ambiente escolar, buscando compreender como se dá essa dinâmica entre professor e aluno.

Considerando a intrínseca relação entre a forma com que o professor de Língua Portuguesa conduz sua prática docente e os resultados da aprendizagem na perspectiva da teoria da aprendizagem significativa, é que se deu a escolha da temática do estudo: prática docente e aprendizagem significativa.

Nesses moldes, a problemática norteadora da pesquisa foi delimitada pelo seguinte questionamento: a prática docente desenvolvida nas escolas favorece a aprendizagem significativa dos conteúdos da disciplina Língua Portuguesa? Desse modo, pretendeu-se com a realização deste trabalho, analisar se a prática docente dos professores da disciplina de língua portuguesa tem favorecido a aprendizagem significativa dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Mais especificamente buscar-se-á, a partir desta pesquisa: conhecer os pressupostos da Teoria da Aprendizagem Significativa, segundo David Ausubel e seus colaboradores; analisar na dinâmica da aula a ocorrência ou não das condições e elementos motivacionais necessários para a aprendizagem significativa, e apreender as concepções dos docentes sobre a aprendizagem significativa estabelecendo relações com o seu fazer docente.

Desenvolvimento

David Ausubel, ao propor a teoria da Aprendizagem significativa, afirma que é a partir dos conteúdos que já existem nas estruturas cognitivas do sujeito que poderá haver a ocorrência da aprendizagem. Assim, novos conteúdos se relacionam com conteúdos existentes, conhecidos também como conhecimentos prévios, cujas informações poderão modificar-se e dar novos significados às informações que já existem. O ponto mais importante que influencia na aprendizagem, segundo Ausubel, é averiguar se o aluno já sabe um conteúdo e ensiná-lo a partir do que ele já conhece (AUSUBEL 1978 p. 04, *apud* MOREIRA, 2006, p.13).

A aprendizagem significativa é considerada uma teoria cognitiva porque procura explicar como a aprendizagem se desenvolve e como o ser humano compreende, transforma e armazena novas informações, ou seja, como o educando irá organizar os conhecimentos e os conteúdos numa determinada área do conhecimento. Diante das questões apresentadas na teoria da aprendizagem significativa para haver a aprendizagem é necessário que este conteúdo “seja aprendido de forma significativa, isto é, de maneira não arbitrária e não literal” (MOREIRA 2006, p.16).

Quando o autor ressalta essa aprendizagem como “não arbitrária e não literal” salienta que o aprendiz necessita ter requisitos para avançar na aprendizagem. Assim, as novas informações necessitam estar “ancoradas”, cabendo observar o que eles já sabem. Vale salientar que há casos em

que o aluno não tem esses subsunçores para ancorar novas informações. Diante do exposto, entendemos que isso não é requisito para não avançar em um novo conteúdo e sim, o momento de o professor observar se as estruturas cognitivas dos alunos estão preparadas para receber novas informações. (AUSUBEL 1978, p.189 *apud* MOREIRA, 2006, p.14) enfatiza que:

Uma vez que o problema organizacional substantivo (identificação dos conceitos organizadores básicos de uma dada disciplina) está resolvido, a atenção pode ser dirigida aos problemas organizacionais programáticos desenvolvidos na apresentação do arranjo sequencial das unidades componentes. Aqui, hipotetiza-se vários princípios relativos à programação eficiente do conteúdo são aplicáveis, independentemente da área do conhecimento.

Nesse sentido, caberá ao professor ter cuidado no momento de averiguar quais são as estruturas que o aprendiz tem a cerca de determinados conteúdos e como ele consegue relacioná-los em sua mente com novas informações. Assim, deve-se sempre partir do que o aprendiz já sabe e ensiná-lo de acordo e para que isso ocorra, faz-se necessário utilizar recursos que facilitem essa aprendizagem.

A prática docente está relacionada à forma de como o professor deve proceder mediante as situações práticas de sua atuação. Tal atuação está inteiramente ligada à relação estabelecida entre professor/aluno em que o fazer pedagógico está interligado aos métodos utilizados em sala de aula, a postura adotada pelo docente em relação à aprendizagem do aluno e a maneira mais significativa de possibilitá-los a aprender. Nessa perspectiva, (VEIGA, 2007, p.17) salienta que “o lado objetivo da prática pedagógica é constituído pelo conjunto de meios, o modo pelo qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor”.

Nessa perspectiva, Freire (1996, p. 23), ressalva que, “ensinar não inexistente sem aprender”. Nesse sentido, é importante evidenciar que o papel do professor é ensinar e, conseqüentemente, o do aluno é o de aprender. Então, pode se dizer que um professor comprometido com a aprendizagem do discente sempre estará se aperfeiçoando, pois é parte fundamental na aprendizagem do aluno e sendo assim, a sua prática estará atrelada às pesquisas. Nenhum professor jamais poderá estar em uma sala de aula sem ter conhecimento do assunto abordado.

Freire (1996, p. 29), ainda enfatiza que “não há ensino sem pesquisa”, portanto sempre que houver necessidade o docente deve buscar o aperfeiçoamento, o que fará dele um profissional respeitado e capacitado. Dando ênfase a este aspecto Zaballa (1998, p. 33) destaca que “um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício”.

Assim, todo profissional da educação deve estar comprometido em buscar sempre o aperfeiçoamento para sua prática docente.

Resultados e discussões

Os dados apresentados nesta seção foram obtidos através da observação não participativa da prática docente de dois professores, que atuam em turmas de 6º ano, do Ensino Fundamental, em uma escola pública no município de Itapetinga. As observações foram realizadas no mês de junho de 2013, com alunos na faixa etária entre 10 e 15 anos de idade, no turno vespertino, com o objetivo de analisar como a prática docente pode favorecer a aprendizagem significativa dos conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa. Dois professores de Língua Portuguesa concordaram em participar deste estudo, permitindo a observação de suas aulas e o registro das ocorrências, para posterior análise. Em cada classe participante do estudo, foram realizadas observações de oito aulas na turma “A” e 04 aulas na turma “B”, perfazendo um total de 12 aulas observadas.

A seguir, apresentamos um breve registro de nossas observações da prática docente sobre os quais teceremos algumas considerações à luz da teoria da aprendizagem significativa.

Ao iniciar a aula, a professora conversou um pouco com os alunos e falou que o assunto que seria abordado era adjetivo. Pediu aos alunos que abrissem o livro na página x e que fizessem a leitura silenciosa do texto. Quando eles terminaram a leitura, ela solicitou que os alunos comesçassem a ler em voz alta e assim todos fizeram a mesma leitura, ou seja, cada aluno leu todo o texto. Três alunos se recusaram a fazer a leitura e a docente enfatizou que os mesmos perderiam nota na avaliação qualitativa, caso não fizesse a leitura. Assim, terminou o primeiro horário só nessa leitura repetitiva. (Observação, 15/06/2013)

A prática da professora (A) nessa atividade não condiz com a realidade, pois o material utilizado, no caso do livro didático, não lhe dava subsídios para produzir uma aula atraente para os alunos. A atividade sugerida pela professora deveria ter explorado mais a interpretação, requerendo dos alunos opiniões sobre a leitura que havia sido feita. Entretanto, só a docente falou, evidenciando que na rotina de sala de aula não havia materiais potencialmente significativos e a interação professor/aluno, no momento de ensinar/aprender, foi praticamente inexistente.

A professora não conduziu os alunos a uma reflexão sobre o tema abordado. Era algo do cotidiano dos alunos e eles deveriam ter experiências para socializar sobre o tema “esporte”. Ela deveria ter instigado mais os alunos a expor opiniões.

Enfatizando a importância da interação professor/aluno no momento da aprendizagem, Romanoviski (2007, p.108) relata:

Na sala de aula analisar as experiências dos alunos não significa que o professor reduz as diferenças existentes entre eles a uma só explicação, ao contrário, ajuda a ampliar leituras e

relações existentes. Podem ocorrer outros questionamentos mais do que respostas prontas: trata-se de colocar em movimento as relações na construção do conhecimento.

Cabe à professora oportunizar momentos de reflexões e conduzir as atividades em sala de aula de maneira que possibilite ao aluno desenvolver o senso crítico e isso requer mais interação entre o professor e os alunos. A docente não explicou o assunto de forma que os alunos conseguissem totalizar essa forma global e nem entender o conteúdo, havendo apenas uma aprendizagem mecânica.

Santos (2008) ainda destaca que a aprendizagem só ocorre se houver uma construção de sentido e que o professor deveria levar esse aluno a construir esse sentido no contexto do mundo que o cerca. Para o autor, o aluno precisa ser levado a interagir com o objeto de forma espontânea e natural.

Pensar na aprendizagem é entender que o aluno não é um mero telespectador, mas que ele está presente nessa construção de sentido. Assim, o professor deve repensar a prática e também buscar a todo o momento formação para atuar com mais preparo. Com base na pesquisa, sabe-se que os professores são licenciados, mas lhes faltam algo a mais que contribua para uma aprendizagem significativa.

Na turma (A), percebemos que os alunos eram bem comportados, não conversavam a todo o momento entre si, nem eram indisciplinados. A professora conseguia ter um controle de classe e isso foi notado em todos os dias da observação.

A atitude dos mesmos em relação à aula da professora também não suscitou interação, pois só a professora falava e não buscava envolver os alunos na aula. A análise de nossas observações não nos permitiu perceber com convicção se os mesmos não tinham disposição para aprender ou se não eram motivados para tal. Santos (2008) lembra que, para Ausubel, é indispensável que os alunos se predisponham a aprender significativamente. Percebemos que a maioria não tinha essa predisposição, alguns eram interessados em aprender, contudo, vimos muitos alunos desmotivados, em virtude de atividades que não faziam sentido.

Essa dinâmica é explicada por Santos (2008, p 68):

O que faz com que um aluno mostre maior ou menor disposição para a realização das aprendizagens significativas? Digamos que é um misto de condições que pertencem ao universo do aluno e questões que pertencem à própria situação de ensino, ao “contexto físico” da aprendizagem, que é resultante da predisposição do professor em promover uma aprendizagem superficial ou profunda.

Tudo na vida, como na aprendizagem dos conteúdos escolares, parte da vontade de aprender. Santos (2011, p. 33) destaca que “a motivação é algo que afeta o sistema nervoso e determina um

certo comportamento”. Se o professor em seu fazer pedagógico está atento às questões motivacionais, com certeza o aluno aprenderá de uma forma substancial os conteúdos escolares. Este mesmo autor lembra que a motivação pode, também, advir de estímulos ou incentivos externos, daí tanto o aluno quanto o professor, devem caminhar juntos para que a motivação de fato ocorra favorecendo uma melhor compreensão dos conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa.

Conclusão

Notamos que os materiais apresentados no momento de ensinar/aprender não era exposto com clareza, tampouco contextualizados, dificultando assim a compreensão dos alunos. Durante as aulas somente os professores falavam, ficando os alunos, impotentes, passivos, não contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem. As aulas de Língua Portuguesa eram ministradas com caráter conteudista, enfatizando a ideia de que é uma disciplina difícil e pouco acessível aos alunos, que não participavam e nem opinavam sobre os assuntos trabalhados.

Os professores em nenhum momento fizeram um acompanhamento dos alunos, mantinham--se distantes, e nenhum aluno se aproximava da mesa para tirar dúvidas, só apareciam ali para receber o visto no caderno comprovando que a atividade tinha sido feita. Diante do exposto, tal ação não atesta que o aluno aprendeu, é percebida como mais uma certificação, porque quando os professores iam responder as atividades no quadro, poucos tinham acertado, cabendo salientar que as explicações dos mesmos eram superficiais.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da Aprendizagem significativa e suas implicações em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. Aprender uma ação interativa. **IN: VEIGA, Ilma Alencastro Passos. Lições de Didática**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. **Aprendizagem significativa: Modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

VEIGA, Ilma. **A prática pedagógica do professor de didática**. 11 Ed. Campinas, Papyrus, 2007.

ZABALA, Antoni. **Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.